

N E N H U M A
E T E R N I D A D E

Elizandro Todeschini

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Morgana Brunner

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T637n TODESCHINI, Elizandro.

Nenhuma Eternidade / Elizandro Todeschini – Penalux:
Guaratinguetá, 2019.

186 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-575-1

1. Romance I. Título

CDD B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Metade

Quando alguém escapa de nossas vidas, alguém tão nosso, passamos a sentir tudo pela metade, como se a terra fosse uma semiesfera ridícula. Os amigos estão pela metade, e são a metade de um traidor. Mesmo os desejos devem algo e custam a pagar. Tudo é relativo, sem plenitude. A vida não passa de cinquenta por cento.



Muralha azul-celeste

Sinto um frescor doce na boca quando recorro o passado, mesmo que as memórias sejam um tanto quanto amargas. Talvez o gosto das boas e velhas balas de menta, essa invenção egípcia que tanto marcou minha infância.

Careca já havia perdido chances claras de gol quando Dunga meteu uma bola na trave do goleiro Goycochea, fazendo Lazaroni surtar à beira do campo. Ainda era a primeira etapa no Estádio Delle Alpi, em Turim. Depois das típicas advertências de vestiário, a seleção canarinho — naquela época a expressão ainda era popular, coisa para superar o Maracanã, diziam os velhos — iniciou o tempo complementar de forma ainda mais ofensiva. Num intervalo de poucos minutos, Careca e Alemão carimbaram mais duas nos postes argentinos, enquanto Bilardo engolia a seco com os braços cruzados, amassando o terno cinza e a gravata vermelha já frouxa. Chileno, mas radicado no Brasil desde guri, papai havia estendido uma bandeira verde e amarela sobre a mesa, ali depositando bacias com pipoca e pinhão cozido. A China, com seu imenso bazar globalizado, ainda não havia

inundado o mundo com plástico, tecido sintético barato, poliamida de segunda e tudo mais que se possa imaginar, de modo que uma bandeira como aquela não se encontrava em qualquer esquina, nem mesmo em tempos de copa, e o positivismo de Comte, nossa “ordem e progresso”, funcionava ali como o melhor dos bordões esportivos. A cuia com mate doce — infusão de funcho e cidreira com leve toque de açúcar mascavo — passava de mão em mão sem que ninguém se importasse com a graxa que lustrava o porongo cada vez mais. Ninguém poderia imaginar que um dia, atolado na neve fofa de um pico de montanha do “fim do mundo”, daria quase tudo por um mate daqueles, mesmo com erva já lavada. Meus dois primos haviam aparecido para o jogo trazendo almanaques do mundial, alguns destinados a figurinhas de jogadores que vinham enroladas em chicles de bola. Lembro de colagens nos campos do Platt, do Van Basten, do Klinsmann, do Baresi; eles mascavam um bocado. A despeito da pressão que o Brasil exercia, a Argentina se mantinha incólume na partida, vivendo de contragolpes medianos naquele que seria o mundial das equipes defensivas, que jogavam só pelo resultado, com o regulamento debaixo do braço. Foi numa dessas reações que, aos trinta e cinco minutos, Maradona, já depois da meia cancha, livrou-se de três amarelos para servir Caniggia, deixando-o cara a cara com Taffarel. Dadão, o mais velho dos primos, havia advertido antes da partida: “o cabeludinho deles, centroavante, é muito perigoso, incomodativo!”. Realmente, era. Teve a paciência necessária para driblar nosso goleiro e estufar a rede. O gol é mesmo o orgasmo do futebol?

Tão sagrada religião poderia apresentar algum ateu naquele instante? No Brasil, milhões. Aquele Delle Alpi do Piemonte, hoje demolido, ainda me parecia de cimento, fortificado, não via ele se soltar da terra e ir para o espaço, que me desculpe o mestre montevideano. Lembro dos socos de Dadão na parede e do semblante de papai, boquiaberto, paralisado, com pipoca mastigada a engolir. Lazaroni ainda tentou. O meia Silas no lugar de Mauro Galvão. Renato Gaúcho no ataque com a saída de Alemão. Era tarde. Müller desperdiçou o último lance de perigo chutando rasteiro à esquerda da muralha azul-celeste. A vez é tua, ó manto *albiceleste*! Era junho de 1990. Eram as oitavas de final para a Argentina, que seguia forte. Para o Brasil, a dramática despedida. Com essa precisão de detalhes, tempos depois, na edícula desconfortável da meia idade, recordaria daquela partida ao ver outra ainda mais dramática, mas já experimentando o sabor do maior reencontro de todos.

Andinho e Dadão quiseram bater uma bolinha mesmo depois de ver a desclassificação. Era de acreditar? Pelada de quintal que guardo precisa na cachola. As goleiras feitas com tijolos ou com os próprios chinelos emparelhados, a bola murcha, encharcada e com gomos descosturados, pés descalços, gramado esburacado, ralo, com crateras, ninguém para apitar, discussão para escolher quem jogaria como goleiro, os fominhas que não passavam nunca a pelota, minha falta de talento para a coisa, dificuldade para dominar e, ops!, mais um lateral, as reclamações do Sidão — vizinho do lado que levava os jogos muito a sério, sujeito chato pra cacete —, os insultos

da Têre quando mais gerânios eram ceifados pelas bombas mal miradas. No único lance em que me vi na oportunidade de converter — joguei como um lateral mais avançado, por minha conta e risco — gritei instintivamente e por duas vezes “Caniggia!”, “Caniggia!”. Caramba! Foi automático! Alguns me olharam irados: não sei se pelo fato de ter pronunciado em alto tom o nome daquele novel algoz nacional ou por ter chutado mais de dois metros longe da barreira de tijolos, desperdiçando o que chamam de gol feito.

Quando entrei em casa com os pés semi congelados, arrancando rosetas dos calcanhares e enxugando o suor da testa, papai ainda estava remoendo o revés brasileiro, assistindo intermináveis programas com mesas redondas para análises futebolísticas onde todos dão pitaco não raro sem conhecer suficientemente o metiê para isso. Fui direto para o meu quarto no intento de retardar o banho. Lá estava, na parede de madeira, torto e fixado com percevejos, um exemplar colorido do mapa *mundi*, ostentado com todo o orgulho possível, genial presente de mamãe, esticado no lugar que antes abrigava pôsteres do Conan, Rambo, Robocop, Indiana Jones. Caminhava para a puberdade a passos curtos, já desdenhando os heróis que acabaram por revelar meu *self*. Fixei os olhos na América do Sul. Mas o que verdadeiramente buscava, mesmo que inconscientemente, era ver a Argentina. Sim, queria sofrer um pouco mais, padecer até o fim, só assim se obtém a cura para o sofrimento. E ela estava lá, estuário do Rio da Prata, *la plata*, *argentum* do ancestral latim, pintada em azul para a partilha política que a carta exige, gigante, naquele

momento ofuscando o Brasil das mais variadas formas. Não havia reparado, até então, na grandiosidade territorial de *los hermanos*, ora veja! Não era ela muito menor do que minha pátria brazuca... quiçá igual... maior?! Decidi encarar o chuveiro quando a costa celeste passou a inflar como um balão ganhando palmos e mais palmos de oceano atlântico, avanço continental tão grande que já fazia Buenos Aires ameaçar a Cidade do Cabo.

Este livro foi composto em Dante MT pela
Editora Penalux e impresso em papel pólen
soft 80 g/m², em setembro de 2019.
